



## **PROFESSOR: FERRAMENTA DA CRISE DE IDENTIDADE**

Thayse Lisboa Moreira da Silva<sup>1</sup>  
Lucineia Contiero<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Acredita-se que pensar o exercício profissional para uma escolha requer habilidades específicas para a obtenção de êxito na profissão. Tendo isto em mente, quais são as particularidades que devem ser atribuídas ao professor? O presente trabalho traz notícia do exame e discussão dessa e outras questões que envolvem a escolha pela profissão docente, e que ora servirão de ponto de partida para o desenvolvimento de análises críticas com base em relatos obtidos através de observações de práticas pedagógicas cotidianas em uma sala de aula do ensino fundamental. Para o avanço das reflexões apresentadas, servirão de aporte teórico Zagury (2006), La Taille (1994), Schon (1992), dentre outros. Por meio do diálogo com os teóricos especializados, buscamos investigar as particularidades atribuídas ao profissional docente relacionando-as com os dados obtidos por meio da pesquisa de campo realizada nos anos de 2018 e 2019, de modo a destacar a importância da formação docente e da construção de uma identidade.

**Palavras-chave:** Formação docente; identidade profissional; análise crítica.

### **INTRODUÇÃO**

Desafios; coragem; determinação; aprendizagens. O desenrolar do presente trabalho se dará a partir desses quatro princípios-chave. Dependendo da perspectiva, a justificativa da escolha dos termos é explícita, mas o leitor que observasse com certa distância poderia supor que são apenas palavras soltas. Pensando nisto, atribuiremos clareza à alusão de tais princípios ao contexto.

Para entender o porquê da escolha de palavras específicas, faz-se necessário confessar que foram escolhidas dentre tantas outras que, embora não mencionadas, teriam também absoluta relevância. Os substantivos mencionados são referentes às situações às quais os profissionais da educação (mais precisamente os professores) são expostos ao longo do processo da sua formação e da atuação na área. E por que “desafios” e não “desafio”? Ou “aprendizagem” em vez de “aprendizagens”? Observando-se com atenção se notará que os termos se relacionam, afinal, é preciso ter coragem para enfrentar os desafios; determinação

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em Língua Espanhola – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [thayse-lisboa2011@hotmail.com](mailto:thayse-lisboa2011@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [conlucineia@hotmail.com](mailto:conlucineia@hotmail.com).



para alimentar a coragem; e as aprendizagens são resultados de reflexão sobre os desafios enfrentados e pela busca por inovação no exercício diário. Assim posto, discorreremos ainda, brevemente, sobre os termos mencionados.

### ***Desafios***

Por que começar com desafios? Bem, parece-nos uma pergunta um tanto óbvia para uma resposta mais ou menos previsível. Como já é sabido, os diversos cenários que o professor está sujeito a enfrentar no perpassar dos anos e as experiências que obtiver, podem ser um tanto desestimulantes (para não dizer assombrosos). Esses cenários, nas últimas décadas, são compostos por alunos desinteressados; precariedade na estrutura da escola (ou das escolas) em que se leciona; por alunos com vivências em um contexto domiciliar complicado ou de risco; por estudantes com algum tipo de deficiência, dentre tantas e tantas outras situações estressantes. Os que ingressam nessa jornada, como graduandos de licenciatura, muitas vezes, sentem a ânsia de imergirem-se no que podemos denominar “universo do professor” e, ao experienciar o primeiro contato com a escola, geralmente deparam-se com um ambiente repleto de problemas, sem muitas perspectivas de soluções. Como prosseguir nesse caminho, apesar das condições desfavoráveis? Com coragem.

Com 84 anos de história, a escola é reconhecida e apreciada pelos moradores locais, entretanto, seu estado estrutural lamentável patenteia o esquecimento. Apesar dos tenebrosos desafios – assim evidenciados pelos meus olhos de aventureira – segui no caminho da realização dos objetivos estabelecidos (...). (T.L. Memorial de Docência, 2019)

### ***Coragem***

Os professores, como já mencionado, no decurso de suas vivências no contexto escolar, estão suscetíveis a inúmeros desafios e, independente das experiências adquiridas ao longo dos anos, algo jamais poderá lhes faltar: a coragem. Os futuros docentes têm de estar cientes de que a diversidade e a adversidade sempre estarão presentes no ambiente educacional e que a universidade não necessariamente os prepara para enfrentá-las. Afinal, não há uma disciplina específica que nos ensine a como lidar com um aluno que intimida o professor diante de tarefas que não quer executar; que entra armado em sala de aula; que enfrenta as regras da escola explicitamente e motivando ser acompanhado por outros; ou com um aluno que consuma drogas ilícitas na hora do intervalo e retorne à sala causando transtornos. Igualmente, a universidade não ensina a lidar com pais de alunos que educam



seus filhos para serem incapazes de lidar com a frustração do não, da regra, da disciplina, do esforço pessoal.

Supõe-se que um indivíduo que se aventura na carreira educacional está possuído pela coragem. Ora, apenas assim alguém poderia se arriscar a entrar em uma profissão tão desvalorizada nos dias de hoje, não é mesmo? O professor, em si, já é constituído pela coragem e pelo desejo de vencer as batalhas diárias tão comuns à profissão, logo, a questão que aqui se levanta é: até que ponto essa coragem e esse desejo se mantêm?

A turma eleita para a atuação do projeto foi o sexto ano “B” e, já sendo alertada sobre o comportamento indisciplinado da turma, revesti-me com a coragem necessária, e segui até o meu destino. O primeiro passo da escalada estava prestes a ser realizado. (T.L. Memorial de Docência, 2019)

### ***Determinação***

Ao pesquisar o significado da palavra “determinação”, pode-se encontrar a seguinte definição: “Firmeza; persistência para conseguir o que se deseja”<sup>3</sup>. Nesse sentido, a relação entre os termos mencionados começa a ficar ainda mais clara, afinal de contas, para combater os desafios, a coragem se faz necessária. Entretanto, a coragem demanda determinação, persistência. E o que mantém essa determinação? A resposta parte da subjetividade de cada indivíduo, que edifica sua identidade ao longo da sua construção como ser social. Essa identidade resulta das informações que o sujeito recebe em seus primeiros momentos de vida e de tudo que vai assimilando no decorrer do seu desenvolvimento. Em se tratando da identidade profissional, deve-se considerar que é o produto de uma “complexa rede de histórias, conhecimentos, processos e rituais” (SLOAN, 2006), quer dizer, deriva de um processo gradativo de interpretação e reinterpretção das experiências vividas, seja no âmbito social ou pessoal, mas que gera repercussão na trajetória profissional. Para Lasky, a identidade profissional é a construção do “si mesmo”, que vai avançando ao longo da carreira, sofrendo influências da escola, das reformas e do contexto político. Para além, “inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre a matéria que ensinam, assim como sobre o ensino, as experiências passadas, assim como a vulnerabilidade profissional” (LASKY, 2005). Ou seja, as causas que poderão despertar a determinação dependerão da perspectiva adotada pelo docente à medida que for exposto às situações que formam parte das vivências da profissão.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/determinacao/>>



A minha maior motivação para seguir em frente é o prazer. O prazer que sinto ao perceber que consegui transmitir / facilitar o conteúdo da maneira que esperava (e em alguns casos, nem esperava); o prazer de superar cada insegurança; o prazer de criar laços com os estudantes; o prazer de vê-los evoluir; o prazer de sentir que abri alguns horizontes e que, de alguma maneira, fiz a diferença. Há muitos caminhos por onde andar, isto é certo. Jamais estarei pronta, novas aprendizagens surgirão. (T.L. Memorial de Docência, 2019).

## ***Aprendizagens***

Aqui, mais uma vez, optamos pelo uso plural da palavra levando em consideração que o desenvolvimento de um professor competente se dá a partir de suas aprendizagens e de sua capacidade de reflexão sobre elas. Para Schon (1992),

um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre esse facto, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. (1998, p.3)

Quer dizer, o professor não está no ambiente escolar apenas para transmitir / facilitar o conhecimento, mas também para aprender. Aprender com os alunos, aprender com as adversidades que se apresentam diante dele, aprender com suas próprias ações e como elas refletem na metodologia de ensino, na forma de ensinar, na qualidade do quê ensinar, na reflexão sobre o resultado do próprio ensino.

Mas, afinal, o que é ser um bom professor? Como os quatro conceitos referenciados influenciam o processo de formação e também a construção de uma identidade? Tendo como foco tais questionamentos, propomo-nos a discorrer criticamente sobre a postura de uma docente em uma sala de aula do ensino fundamental da rede pública de Natal/RN no segundo semestre de 2019 a fim de investigar as referidas especificidades que rodeiam a profissão – e alguns resultados de caráter amplo, pelo curto formato deste trabalho, oferecemos a seguir.

## **METODOLOGIA**

De caráter qualitativo, o presente trabalho está fundamentado em pesquisas de campo em ambiente escolar, em aulas da disciplina específica de Língua Inglesa, em turmas de sextos aos nonos anos do ensino fundamental (10 turmas ao todo), onde foi possível observar práticas pedagógicas da Professora A durante seis semanas ininterruptas. Para além, o uso de três questionários também foi utilizado como meio de entrevistas à professora e à comunidade escolar. A partir das observações das aulas e da análise dos dados dos questionários foi



possível refletir sobre algumas considerações que regem o andamento deste artigo. Dentre todos os pontos passíveis de serem abordados, para esta ocasião, discorreremos especificamente sobre os quesitos identitários analisados.

Como referenciais teóricos, serviram de base para as análises e discussões Zagury (2006), La Teille (1994), Schon (1992), entre outros que abordam questões envolvendo o contexto escolar e a profissão docente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

(...) a escola, infelizmente, sofre com condições resultantes do passar dos anos. Sem reformas, é possível encontrar portas caindo aos pedaços e alunos com desejos de renovação. Uma das alunas, ao ser questionada sobre qual seria sua sugestão para a melhoria da escola, contestou da maneira mais simples e direta possível: “Uma reforma”. (T. L. Memorial de Docência, 2018)

Para além das questões físicas da escola, as observações das aulas da Professora A trouxeram, na leitura global da recolha de dados, uma perspectiva alarmante: a visão estabelecida foi a de uma profissional desestimulada e/ou desinteressada, que transparecia total falta de comprometimento com a profissão escolhida, por ela mesma, para sua vida. As aulas da disciplina de Inglês, durante todas as semanas e para todas as turmas que participaram da pesquisa, eram aplicadas em cinquenta minutos ou duas aulas de 1h40. Ora, todos que já tiveram a oportunidade de colocar os pés em uma sala de aula sabem o quão valioso é o tempo, aproveitá-lo da melhor maneira é sempre um dos desafios que demanda mais esforços por parte de qualquer professor zeloso. Durante a pesquisa de campo, a indisposição da Professora A para utilizar o tempo de forma adequada era evidente, afinal, passar cinquenta minutos desenhando no quadro enquanto os alunos permaneciam inquietos sob a desculpa de que passar longo tempo desenhando fazia parte do “ministrar conteúdo” (neste caso, o vocabulário de animais em inglês), não se nos aparentou ser a melhor forma de usufruir do tempo escasso para aulas de língua estrangeira semanais. Para o objetivo apresentado, é indiscutível que recursos tecnológicos poderiam ter sido utilizados em todas as aulas, de modo a criar o necessário ajuste de métodos e estratégias de ensino mais enriquecedores e adaptados ao contexto e ao conhecimento que se quer ensinar para que, mesmo com o tempo exíguo, os alunos tivessem aulas mais envolventes, dinâmicas, produtivas. Contraditoriamente à prática das ações, ao ser entrevistada (figura 1), a Professora A respondeu, de forma sucinta, dez das onze perguntas que lhes foram apresentadas e, apesar de demonstrar carência de reflexão durante o ato de resposta,



apresenta uma postura pró-ativa que destoa de sua prática pedagógica. De acordo com ela, é preciso que o professor tenha “flexibilidade no planejamento para adaptar a realidade do aluno”, assim como é fundamental a um professor a reciclagem, a formação continuada, capaz de levar o professor a refletir e a procurar outros meios para enriquecer suas aulas e obter êxito no ensino-aprendizagem de seus alunos.

**Figura 1**

<b>ENTREVISTA COM A PROFESSORA</b>	
<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>
<b>1. Por que você escolheu a carreira de professor?</b>	Porque gosto do que faço.
<b>2. Está lecionando há quanto tempo?</b>	Uns 13 anos
<b>3. Trabalha em mais de uma escola?</b>	Sim, antes eu tinha três expedientes, mas ficou meio cansativo, no momento estou com dois.
<b>4. Houve alguma surpresa durante esses anos em que atua na profissão? Se sim, positiva e/ou negativa? Por quê?</b>	Sim, me surpreendi com a clientela, e aí é necessário ter flexibilidade no planejamento para adaptar a realidade do aluno.
<b>5. Se considera um profissional motivado? Se sim, qual a sua maior motivação? Se não, qual a sua maior desmotivação?</b>	Sim, principalmente quando encontro ou recebo alunos que sentem saudades e que estão no IFRN, na faculdade, por exemplo. De alguma forma, pude participar dessa contribuição.
<b>6. Procura manter-se atualizado? Se sim, de que maneira?</b>	Sim, claro. Leio, fiz um curso recentemente na minha área, é importante sempre se reciclar.
<b>7. Acredita ter uma boa relação com os alunos?</b>	Na maioria das vezes sim.
<b>8. Como funciona o planejamento para o ano letivo?</b>	Fazemos o anual e a partir daí criamos objetivos bimestrais. Antes fazemos um teste de sondagem para verificar o nível da turma.



<b>9. Há um livro didático para a disciplina?</b>	Sim, “Way to English”, “Freeway”, pesquisa outros materiais como músicas, DVDs, diálogos...
<b>10. Os alunos alcançam o objetivo estabelecido para o ano letivo?</b>	Depende do grau de interesse de cada aluno. Mas a maioria tem um resultado satisfatório.
<b>11. Qual o seu conselho para os professores que estão em seu processo de formação?</b>	-

A falta de resposta da Professora A à última pergunta do questionário nos leva a questionar: não existem conselhos para os que estão entrando nessa jornada? Quer dizer, nada pode prepará-los para o que está por vir?

A frustrante resposta a esse questionamento veio dia a dia, durante seis semanas de pesquisas de campo, com a seguinte constatação: nada poderia aconselhar esta professora para quem parecia ter faltado a coragem para enfrentar os desafios que, majoritariamente, consistiam em acalmar os ânimos dos alunos e lhes fazer prestar atenção no que estava sendo ministrado; a quem parecia ter faltado determinação para manter a coragem que um dia existiu e que a levou até ali depois de admitir que escolhera a profissão pelo simples gostar; a quem parecia, ainda e, por fim, ter faltado a capacidade de reflexão sobre as situações que lhe eram apresentadas, de modo a gerar alguma aprendizagem profissional. E então, questionamos: o que aconteceu com a Professora A? Por que atributos caros à identidade docente foram se apagando até sumirem no exercício diário da profissão? Em que momento a identidade desta Professora A se perdeu no meio do caminho? Que tipo de identidade docente ela assumiu para si durante sua trajetória profissional, consciente ou inconscientemente? De acordo com Zagury (2006), “analisar as causas do fracasso é a preocupação sobre a qual se debruçam todos os que estão envolvidos com a Educação e que desejam uma escola de qualidade” (p. 39). Com isto, muitas indagações surgem como forma de entender os motivos de encontrarmos profissionais aparentemente desestimulados com os exercícios da profissão. Uma das explicações que podemos colocar em evidência relaciona-se com as mudanças que aconteceram no contexto educacional ao longo dos anos, incluindo o comportamento docente e as novas responsabilidades. Zagury (2006), ao explicar sobre a história da crise no âmbito pedagógico, questiona:



Como agir, então? Como conciliar tantas mudanças e desafios novos, se as dificuldades mais simples não são sanadas, como turmas grandes e com poucas horas de aula, por exemplo? Como esclarecer as próprias dúvidas, sem parecer um profissional incompetente? E como atender às complexas tarefas de um currículo que, a cada ano, é acrescido de novos desafios (por exemplo: como tratar com segurança e adequação o tema transversal “Prevenção ao uso e abuso de drogas”, se a realidade brasileira nos mostra que parte dos professores nem escreve corretamente? Ou se jamais teve contato, sequer visual, com a forma física do *crack*?). (p. 43)

De fato, não há respostas simples a tais indagações, e buscar compreender as dificuldades inerentes à profissão torna-se necessário quando almejamos descobrir justificativas para a presença de professores desestimulados em salas de aula, ou mesmo alocados em outras funções, geralmente administrativas, fora delas.

Outro aspecto a ser avaliado é a ressignificação da relação professor-aluno, como também aponta Zagury (2006):

Ser amigo dos alunos passou a significar antes de tudo ser compreensivo e aceitar as diferenças individuais como algo definido – e definitivo. A teoria pode não ter pretendido isso, mas, no nível prático, qualquer intervenção em termos de controle de disciplina ou de avaliação (de comportamento e de saberes) é atualmente entendida como ameaçadora à “boa relação”.

Para além de questões metodológicas ao ministrar o conteúdo, os professores passaram a atuar de forma diferente, assumindo uma postura democrática, deixando de serem autoridades incontestáveis em sala de aula. Este tipo de dinâmica permite ao aluno uma liberdade que, há uns anos, não lhes pertencia. Em muitas circunstâncias, ao ter essa liberdade, o aluno não sabe como usufruí-la, e acaba tomando para si uma postura rebelde, contestando qualquer coisa que o professor diga ou faça, gerando, assim, mais um desafio ao qual o professor está sujeito e um grande estressor diário.

Acreditamos, sim, que uma boa relação entre professores e alunos deve ser mantida e alimentada. Buscar compreender as particularidades de cada um e ter um olhar afetivo direcionado aos seus alunos não deve ser visto como algo condenável. Entretanto, em alguns casos, autores especializados julgam que isso pode converter o professor a um ser inerte, incapaz de estabelecer limites e organização em suas aulas. Isto ocorre, de fato? Supomos que a resposta seja negativa. Como destaca La Taille (1994),

Alunos precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência da





posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo (p. 24).

Não obstante, assumimos também que cada sujeito, independente da profissão, possui uma índole, e ela não será modificada instantaneamente a partir do momento em que este decida traçar o seu percurso como docente. Em contrapartida, isso não deveria fazê-lo fechar-se às mudanças de postura, parar no tempo e decidir que seu processo formativo estancou no momento em que deixou a universidade. Ao contrário, ao sair do ambiente acadêmico é que se consolidam os aprendizados por meio da prática profissional e esta, somada à teoria apreendida academicamente, forma *sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências, seus percursos formativos e profissionais* (NUNES, 2001, p.21). Tendo isto em mente, o professor, formado, atuante na escola, é a evidência de um sucesso anunciado? Provavelmente, não. Os anos passam, a sociedade muda, os alunos mudam, e a forma de lidar com eles também. O professor deve entender que é indispensável ampliar, aperfeiçoar e aprofundar suas competências profissionais. Ensinar exige trabalhos múltiplos, não é qualquer pessoa que consegue ser um professor eficaz, e tampouco é comum encontrar professores que não conseguem manter essa eficácia ao longo do tempo. Em relação à sua identidade, o docente profissional estará ciente de que ela está em constante evolução, desta forma, a pergunta que tanto o estudante da licenciatura quanto o professor com anos de experiência devem responder é: “Que profissional eu quero ser?”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observar parece uma tarefa fácil, mas demanda atenção e, é claro, reflexão. Durante o período da pesquisa, pensamentos sobre possíveis desmotivações pessoais futuras foram recorrentes. Ademais, deparar-nos com um profissional claramente descompromissado com seu dever nos fez assombrados por possibilidades frustrantes. Como bem sintetiza Campos:

O que significa a profissão docente hoje? Ter profissionalismo e compromisso social, o que implica: (1) pensar e pensar-se como docentes não só ocupados com as tarefas didáticas, mas numa dimensão maior que inclui a gestão escolar e as políticas estratégicas educacionais; (2) ser protagonista das mudanças e capaz de participar e intervir nas decisões da escola e em espaços técnico-políticos mais amplos; (3) desenvolver capacidades e competências para trabalhar em cenários diversos, interculturais e em permanente mudança; (4) atuar com gerações que têm estilos e códigos de comunicação e aprendizagens diversos, com novas exigências e desafios à competência dos docentes (CAMPOS, 2007, p.17).



Os deveres do professor ultrapassam os limites da sala de aula. Para fugir da mediocridade, os futuros docentes precisam conscientizar-se das suas verdadeiras atribuições. Entendemos que os cenários enfrentados, em muitas circunstâncias, não serão os mais favoráveis e que as adversidades encontradas podem, sim, levar docentes ao caminho da mediocridade. Entretanto, ao escolher esta profissão, o sujeito está assumindo para si a responsabilidade de enfrentar os percalços que surgirão no caminho, buscando aperfeiçoar suas habilidades e aceitando seu interminável processo de formação.

Um bom professor deve estar disposto a ouvir críticas positivas e negativas e saber lidar com elas; um bom professor deve estar disposto a ouvir seus alunos e interagir com eles, deixando de lado o conceito hierárquico e ensinando o respeito por sua identidade profissional. Faz-se necessário admitir que a teoria, sem dúvidas, torna tudo mais inspirador, contudo, é importante lembrar que mudanças são realizadas com atitudes e não apenas com palavras e ideias.

## **REFERÊNCIAS**

ZAGURY, T. **O professor refém:** para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos.** In: NÓVOA, António (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

LA TAILLE, Y. **Autoridade e limite.** Jornal da Escola da Vila, São Paulo, 1994, p. 24-28.

CAMPOS, M. R. **Profissão Docente:** Novas perspectivas e desafios no contexto do século XXI. In: BALZANO, Sônia (Org.). O desafio da profissionalização docente no Brasil e na América Latina. Brasília: CONSED, UNESCO, 2007. p. 15-21.